Ocupação sonora – a diversidade de sons da agroecologia

Sonic occupation – the sound diversity of agroecology

LIMA, Camila[1]

[1] Universidade Federal Fluminense, camilamgl@id.uff.br

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Arte, Cultura, Comunicação Popular e Agroecologia

Resumo: Este projeto pretende fazer um estudo sobre o campo brasileiro a fim de compreender e identificar as transformações na sonoridade de territórios ocupados por movimentos sociais. A partir de oficinas, gravações de campo e rodas de conversa em territórios ocupados pelo MST no Distrito Federal, o projeto tem o objetivo de registrar, identificar e ressoar a proposta que as camponesas e camponeses trazem a esses espaços. Nossa hipótese é que é possível falar em ocupação sonora onde tais movimentos atuam e que há o aumento da diversidade sonora, transformando o campo. Enfim, nossa proposta é de realizar um acervo sonoro que coloca as seguintes perguntas: quais são as sonoridades de uma terra ocupada e que havia sido devastada pela monocultura? Como a proposta de plantar e de criar agroflorestas agroecológicas recriam a sonoridade dos territórios? Nos interessa aqui dialogar com essas sonoridades e identificar o quanto as ocupações podem ser a própria epistemologia deste trabalho.
Palavras-chave: sonoridade; território; cartografia; movimento social; sonologia.

Introdução

O projeto *Ocupação Sonora* realizou uma pesquisa junto com o Movimento Sem Terra do DF. O objetivo é a formação de um acervo sonoro nas terras ocupadas, com a aposta de que a luta política da ocupação transforma os territórios em diversos aspectos, entre eles os sociais, demográficos, econômicos, políticos, agrícolas e também sônicos.

Pensar o MST, sua atuação política com as marchas e ocupações de terra, assim como as ocupações urbanas e manifestações, como elementos transformadores da sonoridade dos espaços políticos encontra eco nos trabalhos de Brandon Labelle (2022) e Tato Taborda (2021), quando elegem elementos como a força da reverberação, a simpatia insurgente da ressonância e agência sônica na construção da resistência e existência políticas. “O MST quando ocupa é um estrondo!”, disse Dona Valdeni, acampada do Acampamento 8 de Março, “chega com cantos, hinos, fogos e mística”. Sonoridades potentes produzidas em uníssono por camponesas e camponeses que fazem reverberar a luta pela terra, essa potência sonora alcança espaços mais distantes e anima o grupo com a intensidade da luta que tem sua origem no confronto e na disputa sonora. Para além do som retumbante, diversas sonoridades e relações acústicas podem ser percebidas nos territórios ocupados e, durante o campo, elegi elementos sonoros que podem orientar a discussão da ocupação sonora, dialogando também com a noção de cosmopercepção e de territórios sonoros racializados, podendo pensar também as ocupações como aquilombamentos.

Estamos chamando de ocupação sonora o movimento de corpos que ocupam e trazem consigo seus sons, suas histórias, bagagem cultural e, ao reflorestar e viver em territórios degradados pelo latifúndio, também atraem sons de animais, pássaros, insetos, bichos que passam a soar, ressoar, soar de novo ou de uma nova maneira. A grande maioria das terras ocupadas pelo MST é um latifúndio de concentração de terra de um só proprietário e que na sua maioria se utiliza da plantação em monocultura com utilização de agrotóxicos. A proposta do MST é de plantação agroecológica, divisão de parcelas menores de terra para contemplar um maior número de agricultores e um retorno ao campo de população periférica das grandes cidades. Esse movimento ao campo transforma em vários graus a cara do campo brasileiro, monótono de diversidade biológica, humana e sonora.

Metodologia

Para apresentar o projeto precisamos localizar a pesquisa: minha pesquisa de doutorado nas artes contemporâneas da Universidade Federal Fluminense se dá em consonância com o projeto artístico Sonário do Sertão, apoiado pela Secretaria de Cultura do Distrito Federal, que tem como objetivo a formação de um acervo sonoro de territórios camponeses ocupados pelo MST no Distrito Federal, na Região Administrativa de Planaltina. Através desse projeto, estive em campo nos últimos meses de abril e maio de 2023, no Acampamento 8 de Março e no Assentamento Pequeno William, para gravações sonoras, em imersão no território e também para realizar oficinas de captação de áudio com camponesas do MST, com práticas de escuta coletiva, caminhadas sonoras, diário sonoro, rodas de conversa e experimentações com arte sonora. Essa estrutura faz parte de uma metodologia de avizinhançamento e de escuta utilizada tanto no projeto artístico assim como parte das etapas do doutorado, numa intenção de criar a epistemologia da pesquisa a partir da percepção acústica junto com o território pesquisado, como a capacidade de conhecer a partir dos sons, como na acustemologia de FELD (2012).

A metodologia do projeto é criar zonas de percepção e criações artísticas coletivas, em modelo de residências artísticas, oficinas, conversas e imersão nos territórios, instalações e experimentações sonoras. A pesquisa ainda se encontra em andamento e foram iniciadas as gravações de campo. Essas gravações fazem parte da proposta de aproximação e escuta no território.

Resultados e Discussão

> “As interdependências e coabitações inerentes à agência compartilhada tornam-se uma plataforma, um ethos, a partir do qual as comunidades se relacionam com estrangeiros, e em que as tonalidades centrais para ouvir e ser ouvido dependem de sua própria perturbação.” (LABELLE, p. 105, 2022)

O Acampamento 8 de Março (Planaltina, DF, abril de 2023) faz fronteira uma terra pública grilada pelo latifundiário Mario Zinato, que encontra-se em disputa por se tratar de uso impróprio de terra destinada à reforma agrária. A ocupação das terras já dura mais de 10 anos e uma transformação do território é possível de notar, social, alimentar, política e sonoramente. De um lado monocultivo de soja de um único dono que não reside no território, apesar de residirem alguns poucos funcionários e suas famílias, de outro o acampamento com mais de 80 barracos e plantações. As relações de convívio desses dois pólos exigem maneiras de pensar as fronteiras e como os sons as ultrapassam, assim como o som da rodovia atravessa todo o acampamento, as diversas sonoridades produzidas pelas pessoas atravessam e ressoam pelo espaço. Mário Zinato escuta quando todo o amanhecer começa a soar no acampamento. A fronteira política também se dá no entreouvido, como diz Labelle, nas relações políticas cotidianas que es acampades também estão desenvolvendo um aprendizado diário de criação de novas maneiras de relacionar-se, de fazer política, de soar. Os barracos muito próximos uns dos outros permitem que cada um e cada uma se escute, se cuide, se irrite e também se controle. Tudo construindo um “senso maior de comunidade” (Labelle), proposta de vida em comum compartilhando sonoridades.

> “Poderia o som ser usado como uma arma por meio de tonalidades específicas e de vibrações coletivas, de um ativismo de escuta e da força do volume, para apoiar uma cultura do cuidado radical e da compaixão.”
>
> (LABELLE, 2022,p. 27)

Um dos sons mais marcados na fala de acampados e assentados é o som do vento. Este é violento durante as ocupações. Perto de uma terra devastada o que mais se percebe é o vento. Ele também atinge com força as barracas de lona preta de uma ocupação de beira de estrada recém feita, como foi um dia o acampamento 8 de março. Logo que a ocupação se tornou o acampamento em disputa, foram construídos barracos de madeirite que também sofriam com o vento, mas no decorrer da vida na terra as árvores foram crescendo começando a proteger as pessoas. Também as plantações, num primeiro momento, os camponeses e camponesas plantam um “quebra-vento”, planta que cresce rápido e forma uma barreira para o vento e possibilita que as outras variedades de plantas não sejam atingidas.

Conclusões

Por fim, o projeto pretende desenvolver essas questões a partir das gravações de campo, como também de proposições artísticas que se permitem imaginar um som porvir, um povo porvir, uma sociedade porvir proposta por esse povo que se movimenta soando. Assim, ao refletir sobre o silenciamento e criminalizações que o movimento sofre, a agência sonora desponta justamente para remodelar éticas de escuta e de amplificação de vocês, sejam elas humanas ou não humanas.

Apostamos em criar com o projeto zonas de percepção sonora e criações artísticas coletivas, em modelo de residências artísticas, oficinas, conversas e imersão nos territórios, instalações e experimentações sonoras, para desse processo surgir as movimentações epistêmicas que guiam a pesquisa do doutoramento. Nesse sentido, algumas propostas de obras sonoras foram apresentadas nas oficinas. No 8 de Março foi iniciado uma cartografia sonora, ação política e artística importante num local que está em disputa territorial. Já no Assentamento Pequeno William foi proposta uma Sonoroteca.

Agradecimentos

Este projeto é um encontro entre a pesquisa acadêmica, a elaboração artística e o movimento social. Esse encontro também se reflete nos financiadores e colaboradores. Sou bolsista da CAPES pela Universidade Federal Fluminense e tenho o apoio da Secretaria de Cultura do Distrito Federal para a realização do acervo sonoro em versão digital. O maior apoiador do projeto é o Movimento de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra, na figura de suas mulheres camponesas dos territórios onde o projeto é desenvolvido. Gostaríamos de agradecer imensamente Edineide Rocha e Bárbara Pereira, do Acampamento 8 de Março, Adriane Fernandes e Raissa Fernandes, do Assentamento Pequeno William, assim como todas as pessoas que se mobilizaram para realizar as oficinas do Sonário. Agradecemos à equipe de produção do Sonário do Sertão, nos nomes de Ana Paula Rabelo, Francisco Craesmeyer e a empresa produtora Trotoar.

Referências bibliográficas

FELD, Steven. **Sound and Sentiment**: birds, weeping, poetics and song in Kaluli expression. Durhan & London, Duke University Press, 2012.

LABELLE, Brandon. **Agência Sônica:** o som e formas emergentes de resistência. Rio de Janeiro, Numa Editora, 2022.

TABORDA, Tato. **Ressonâncias:** vibrações por simpatia e frequências de insurgências. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2021.

_____. **Biocontraponto:** um enfoque bioacústico para a gênese do contraponto e das técnicas de estruturação polifônica. Revista Debates, Rio de Janeiro, n.5, 2014.